

O instante eterno

Sonia MARRACH¹

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

Este é o título de um dos melhores livros que li para entender as condutas individuais e as práticas sociais da atualidade, a diferença entre a sociedade moderna e a pós-moderna, chamada de *globalizada*. Mas, para o sociólogo francês Michel Maffesoli, isso é: “pura abstração, limitada à ordem econômica ou política”, que deixa entrever cada vez mais sua fragilidade. Vivemos sob o “totalitarismo do Um ou do mercado”, afirma, porém “o verdadeiro princípio de realidade é o cotidiano”. É no cotidiano que vivemos a grande transformação da pós-modernidade.

Mas que transformação é esta?

A modernidade se caracterizou pelo individualismo, com sociedade contratual, centralidade da razão, educação como domesticação para a sociedade disciplinar, visando o enquadramento da juventude no mundo do trabalho e da cidadania. Mas, assim como a escola era o remédio ruim para garantir um futuro melhor, a modernidade era marcada pela esperança no futuro, fundada na crença do progresso da humanidade. Uma crença que fazia dos homens e mulheres, dos jovens e dos trabalhadores, atores da história, voltados para as grandes causas sociais, como a liberdade, a democracia, o socialismo utópico, o socialismo científico..., porque a política era entendida como ação voltada para a busca da “felicidade geral” – coisa em que hoje, nem as crianças acreditam.

Não é à toa que o subtítulo do livro é *O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Atualmente, em que pese o enorme progresso tecnológico, a crença no progresso da humanidade não passa de mera ideologia, de mito, de máscara que encobre o medo de enxergar o que está acontecendo sob os nossos olhos: não há razões superiores à vida nem verdades universais, nem grandes causas. Já não há mais o drama moderno, em que o homem lutava para controlar a desordem e buscar solução num futuro melhor. Mas sim tragédia pós-moderna,

¹ Livre-docente em História da Educação, FFC, Unesp-Marília.

“intensificação da vida dos nervos”, forte presença da morte na vida, precariedade da existência, fragilidade humana, impotência do homem diante da imposição dos fatos históricos de força, violência e impiedade. Diferentemente do drama, a tragédia engendra a aceitação da fatalidade como destino e a religiosidade ambiente. Porém, diante do trágico latente, na vida cotidiana, emerge um hedonismo ardente. A intranqüilidade, as incertezas, as situações efêmeras despertam a voracidade de viver, a vontade de tirar proveito de tudo, a intensidade da vida. Usando os termos de Maffesoli, vivemos numa “surrealidade societal”, com novos territórios, novos valores, onde se procura viver intensamente, aproveitando ao máximo cada momento, eternizando o instante, sob valores dionisiacos, lúdicos, pois não dá mais para adiar o gozo em nome de um projeto político ou profissional.

O historicismo finalista acabou junto com o mito do progresso e da cidadania. O que importa para entender a pós-modernidade é a passagem de um tempo linear, seguro, de projeto futuro, para um tempo policromático, essencialmente trágico e presenteísta, que escapa do utilitarismo burguês e do ascetismo, para difundir “a medida da vida sem medidas”, a consumação perceptível, a vida vivida com avidez, a explosão dos elementos dionisiacos, o *carpe diem*, como expressão da consciência trágica.

A “atração apaixonada” é a categoria chave para definir o espírito da pós-modernidade. Ela aparece com mais evidência nas tribos das novas gerações, mas afeta idosos e adultos, expressando-se na busca da eterna juventude, no culto ao corpo, no modo de vestir, de falar, de pensar. O homem maduro - senhor de si e da natureza, durante a modernidade - foi substituído pela criança eterna e brincalhona. Daí a pergunta do autor: “Não é possível imaginar que, em lugar do trabalho, com seu aspecto crucificador, o lúdico, com sua dimensão criativa, seja o novo paradigma cultural?”

É importante ressaltar que, na tragédia, o lúdico não se resume à brincadeira de criança, pois o descomedimento orgiástico é uma resposta do desespero, uma tentativa de ludibriá-lo, de purgar a angústia da época. Assim, sob o signo do trágico, apesar da competição desmedida e do individualismo a-social, surgem nomadismos, tribalismos – uma nova sociabilidade em que a comunidade prevalece sobre o indivíduo. Essa nova sociabilidade é complexa: o culto ao corpo tem algo de primário, as celebrações animais, como a do touro, não escondem a bestialidade do homem. O *hard rock*, a *techno music*, o estilo decadente das roupas, o nomadismo ambiente traduzem “o retorno dos bárbaros aos nossos muros” e apontam a fragmentação da sociedade disciplinar ordenada em mais de três séculos de modernidade. Em suma, o bárbaro já não se opõe ao civilizado, torna-se um componente da civilização.

Michel Maffesoli aceita a transformação, sabe que ela constitui uma forma de regressão, mas uma “regressão fundadora”, que acarreta, paradoxalmente, um excedente de vida. O livro é um convite à vida em toda a sua ebulição, em meio à explosão trágica, onde o barroco reaparece na vida cotidiana, expressando a emoção, o sentimento trágico, a excitação, o desejo, que as imposições morais e econômicas não domesticaram. Em outras palavras, há um querer-viver social que a civilização não conseguiu reprimir.

O livro suscita uma questão interessante para quem trabalha com educação. Depois de quase quatro séculos de educação para a domesticação do indivíduo, as duas formas de autoridade do professor - a manifesta e a anônima - entraram em crise juntamente com a liberdade, a centralidade da razão e o progresso. O autor põe em xeque a própria idéia de formação. Enquanto Adorno, baseado em Kant, afirmava que a formação ligava-se à idéia de aprender a pensar com o pensamento do *Outro*, para que o indivíduo aprendesse a pensar por si próprio, atingindo, assim, a maioria intelectual, Maffesoli retoma a noção de formação para acentuar seu aspecto de *iniciação*. Iniciação baseada no “fervor pela vida”, que “concede ao ser (*esse*) um lugar primordial, que relativiza todas as outras características: fazer, ter, raciocinar”.

Se ele estiver certo, teremos que pensar em novas formas de educação da criança, da juventude e da criança eterna que se tornou o adulto da nossa época; uma educação mais adequada ao instante eterno da tragédia pós-moderna.

MARRACH, S.